

Olhar para a outra margem do rio



Por **ALEXANDRE ARAGÃO DE ALBUQUERQUE***

Para sair da demência bolsonarista é preciso romper a ideologia da classe dominante, e toda manipulação política

Como se faz para olhar a realidade concreta? A partir de que sensibilidades, de quais conhecimentos, de quais fontes de informação e de quais análises dos fatos? Como tomar posse de um objeto pensado, sem deixar-se manipular pelos meios de comunicação, nem pela mistificação dos aparelhos do Estado, e assim observá-lo de diversas perspectivas, para obter algum conhecimento verdadeiro? Afinal, a verdade possui em si uma típica força libertadora que nos faz mudar o rumo ou ampliar nossa convicção. Como pode uma democracia sobreviver se as instituições republicanas não forem garantidoras da verdade dos fatos e da lei?

As respostas a tais questões apresentam-se com a necessária gravidade em função das tensões sociais comprovadas, cada dia mais radicalizadas, oriundas de amplos movimentos de pós-verdade (*fake news*) e de algoréticas (uso ético ou não ético da tecnologia) condicionadores de comportamentos e percepções dos indivíduos e grupos.

Um exemplo clássico recente no Brasil foi a construção, pelo conglomerado jurídico-midiático, do “objeto Sérgio Moro”. O objetivo visava torná-lo percebido como uma espécie de super-homem, acima do bem e do mal, no combate a corrupção pública. Eu recorro vivamente de diálogos travados, entre 2014 e 2018, com alguns amigos do campo religioso cristão católico, com nível de escolaridade superior, que o consideravam “o paladino da justiça”, aquele que finalmente iria colocar o país nos trilhos da decência.

Esses amigos cristãos católicos tinham como sua fonte principal, de informação e observação do objeto Sérgio Moro, a Rede Globo (Jornal Nacional, Fantástico, *Globo News* etc.). Destaque-se que a Rede Globo era simultaneamente a força mentora e propulsora do desenvolvimento conceitual do referido objeto (Sérgio Moro) e de divulgação publicitária do antipetismo. Além disso, esses amigos dialogavam com outros formadores de opinião que comungavam das mesmas motivações globais. Portanto, o seu campo de visão estava racional e emocionalmente condicionado; acreditavam piamente que o objeto Sérgio Moro era uma espécie de salvador da pátria.

Ocorre que, na outra margem do rio, a defesa técnica do presidente Luiz Inácio Lula da Silva já havia apresentado gigantescas provas documentais denunciando a corrupção (*lawfare*) do sistema de justiça brasileiro, pelas mãos de Sérgio Moro, com o objetivo explícito de aprofundar o Golpe de 2016, visando à prisão ilegal do presidente Lula em 2018 (e à criminalização dos partidos de esquerda), retirando-o da disputa presidencial, para viabilizar a eleição do capitão de extrema-direita Bolsonaro. Ou seja, o lavajatismo construído por Moro-e-Globo foi a incubadora do bolsonarismo militarizado atual.

Essa imposição à opinião pública da visão dominante na construção do objeto Sérgio Moro nos remete ao pensamento gramsciano sobre ideologia. Para Gramsci, as ideologias dominantes e dominadas são estruturadas pela luta de classe. As ideologias são experiências de mundo que se formam em relação à dominação e ao conflito social. Ideologias ditas subalternas são aquelas que incorporam a dominação na sua sujeição à ideologia dominante. O senso comum seria então a assimilação do discurso ideológico dominante pelas classes subalternas, ao procurar submetê-las a uma determinada concepção particular de mundo imposta como universal. No caso em questão, incorporar a percepção universal do objeto Sérgio Moro como sendo um agente do bem.

A classe dominante, com o seu poder político-econômico-cultural-institucional, procura instituir como universal algo que é

particular (a sua ideologia) por meio de uma malha de instituições com efeitos normativos e repressivos. A hegemonia na sociedade civil é assegurada pela difusão de práticas sociais que configuram representações e valores de classe. Sua metamorfose em universais dificulta a identificação e a sinalização da dominação de classe. Portanto, a hegemonia não é uma coisa vazia, abstrata ou só relacionada a ideias; possui materialidade e expressão institucional por meio dos aparelhos da hegemonia: escolas, igrejas, meios de comunicação etc.

Dito isto, somente depois da imprevista ação de Walter Delgatti Neto, [o hacker que mudou a história do país](#), há uma mudança de rota. Delgatti teve a coragem de olhar para a outra margem do rio ao denunciar, por meio de suas interceptações, inicialmente acidentais, as trocas de mensagens dos procuradores da dita Operação Lava-Jato, comprovando o que a defesa técnica do presidente Lula já havia documentado amplamente nos autos: que o presidente Lula foi alvo de corrupção judicial (*lawfare*), num processo conduzido por um juiz corrupto e por procuradores dissolutos, conforme sentenciado posteriormente pelo Supremo Tribunal Federal (STF). Indaga-se: e se Delgatti não tivesse conseguido sucesso em seu intuito, como estaria hoje a realidade política do Brasil? Continuaría a cumplicidade do sistema de justiça brasileiro com o lavajatismo, como ocorreu no início daquela operação?

O filme *Não olhe para cima*, do diretor Adam MacKay (*A grande aposta*), é uma metáfora que vem ao encontro do tema acima exposto: diante da ameaça de desaparecimento da Terra por um cometa destruidor de planetas, descoberto acidentalmente por uma dupla de cientistas astrônomos, que a partir daí procuram a presidenta dos EUA para alertar o mundo e tomar as devidas providências, encontra-se uma população envolta na *media-life*: memes, lacrações, celebridades, polarizações constantes em seus celulares.

No filme, tal condição cultural produz pós-verdade (derrota da verdade científica) no mar turbulento de vieses, de narrativas deturpadoras dos fatos, de opiniões que se impõem como verdades, relativizando a realidade. A manipulação política (conclamando as pessoas a olharem para baixo) somada ao alheamento civil em não querer olhar para cima (ou não olhar para a outra margem do rio) permitem a destruição do planeta Terra pelo cometa.

O diretor do filme, Adam MacKay, apostou que a proximidade do cometa seria a possibilidade de mudança de rumo e tomada de atitude da população em relação à pós-verdade a que está submetida. Errou. No Brasil, teremos uma grande oportunidade nas eleições de 2022. Será que conseguiremos olhar para a outra margem do rio? Nesses dias, numa margem, Bolsonaro está se divertindo com seu *jet-ski* em Florianópolis; na outra margem, a população baiana está padecendo pela inundação das águas em seus lares. O que todo esse acúmulo de descaso, negacionismo, insensibilidade e perversidade bolsonarista continuam a nos dizer?

***Alexandre Aragão de Albuquerque** é mestre em Políticas públicas e sociedade pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).